

CIÊNCIAS HUMANAS: DIÁLOGO E POLÍTICA DE COLABORAÇÃO

.....

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)



Atena
Editora
Ano 2022

CIÊNCIAS HUMANAS: DIÁLOGO E POLÍTICA DE COLABORAÇÃO

.....

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Ciências humanas: diálogo e política de colaboração

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências humanas: diálogo e política de colaboração /
Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0046-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.462222403>

1. Ciências humanas. I. Batista, Fabiano Eloy Atílio
(Organizador). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Estimados leitores e leitoras;

Sendo cada vez mais necessária, a transdisciplinaridade se configura como um requisito epistemológico, uma vez que o que buscamos compreender, problematizar e analisar não se limita, estritamente, a uma única área do saber. É preciso “sacudir” as estruturas e apontar caminhos múltiplos para se pensar o mundo ao nosso redor.

Assim sendo, por meio de uma abordagem transdisciplinar a obra **Ciências humanas: Diálogo e política de colaboração**, propõe uma discussão, crítica e contemporânea, entre diversos campos do saber, buscando expandir os horizontes acerca das correlações das Ciências Humanas com diversas outras disciplinas.

Neste sentido, ao longo de 17 capítulos podemos vislumbrar discussões que abordam as temáticas sobre juventude, feminilidades, saúde, política, educação, sociedade, dentre outras que se configuram como mecanismos para compreensão das dinâmicas sociais, a nível nacional e internacional.

Especialmente a partir deste atual cenário social e político que vivenciamos, as reflexões realizadas na coletânea **Ciências humanas: Diálogo e política de colaboração** se tornam fundamentais para se pensar sobre o(s). lugar(es). que as Ciências Humanas têm ocupado diante das diversas perspectivas de compressão sobre o mundo e sobre as formas de compreendê-lo e melhorá-lo. Trazendo à tona, por conseguinte, discussões necessárias para tencionar reflexões sobre o mundo contemporâneo.

Para tanto, esperamos que essa coletânea de textos possa se mostrar como uma possibilidade discursiva e reflexiva para novas pesquisas e novos olhares sobre os objetos das Ciências Humanas em consonância com outras áreas do saber.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atilio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A JUVENTUDE E SUA RELAÇÃO COM TRABALHO E EDUCAÇÃO Samille Schmid Lopes  https://doi.org/10.22533/at.ed.4622224031	
CAPÍTULO 2	14
INCLUSÃO DE JOVENS RURAIS NO SISTEMA EDUCACIONAL POR MEIO DA CONFIGURAÇÃO DA FERRAMENTA WEB 2.0 E DA REDE SOCIAL Miguel Gregorio Argote Salgado Víctor Enrique Macías-Villamizar  https://doi.org/10.22533/at.ed.4622224032	
CAPÍTULO 3	19
A HISTÓRIA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES Luzinete de Souza Oliveira Solange Aparecida Bolsanelo Merlo Camila Bruschi Tonon Larissy Alves Cotonhoto Lucyana Veríssimo Pascoal Costa Anderson José Silva  https://doi.org/10.22533/at.ed.4622224033	
CAPÍTULO 4	30
SOFRIMENTOS SOCIAIS; REFLEXOS DO PERÍODO DA INTERNAÇÃO COMPULSÓRIA PARA TRATAMENTO DA HANSENÍASE NO BRASIL Thiago Pereira da Silva Flores  https://doi.org/10.22533/at.ed.4622224034	
CAPÍTULO 5	41
EDIPO MITO-LÓGICO Marcelo A. Frazzetto Rosario-Santa Fe-Argentina  https://doi.org/10.22533/at.ed.4622224035	
CAPÍTULO 6	47
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DE MULHERES EM PERÍODOS DE TRANSIÇÃO: UM ESTUDO COMPARADO Laura Dantas de Moura  https://doi.org/10.22533/at.ed.4622224036	
CAPÍTULO 7	63
TOLERÂNCIA ZERO NO ESPÍRITO SANTO E A SELETIVIDADE PENAL CAPIXABA Renan Subtil Torres  https://doi.org/10.22533/at.ed.4622224037	

CAPÍTULO 8	75
OS IMPACTOS SOCIOECONÓMICOS E DE SAÚDE DA COVID-19 NOS PAÍSES NÃO DESENVOLVIDOS E OS DESENVOLVIDOS	
Maria José Oliveira Vieira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4622224038	
CAPÍTULO 9	85
LA PREVENCIÓN DE LA VIOLENCIA SIMBÓLICA. UNA MIRADA DESDE TEORÍA DE LA SUBJETIVIDAD	
Lisbet Teresa Pérez Salina	
Dalia Portuondo Kindelán	
Reynaldo Vega Chacón	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4622224039	
CAPÍTULO 10	93
LOS ANDROIDES YA SUEÑAN CON HUMANOS ARTIFICIALES	
Daniel Román March	
Marcos Llanos Nieto	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.46222240310	
CAPÍTULO 11	98
QUATRO FACES: AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NO MITO DE RAGNARÖK	
Angela Albuquerque de Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.46222240311	
CAPÍTULO 12	112
A BUCÓLICA X DE VIRGÍLIO ENTRE O AMOR BUCÓLICO E O ELEGÍACO: UMA CRÍTICA EPICURISTA DO AMOR DESMEDIDO	
Amanda Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.46222240312	
CAPÍTULO 13	116
A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A PROTEÇÃO DOS SABERES TRADICIONAIS DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL	
Claudia Maria Prudêncio de Mera	
Denise Tatiane Girardon dos Santos	
Domingos Benedetti Rodrigues	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.46222240313	
CAPÍTULO 14	126
EDUCAÇÃO FINANCEIRA POR MEIO DE MODELAGEM MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO	
Mariana Thais Garcia	
Tiago Emanuel Klüber	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.46222240314	

CAPÍTULO 15	132
PROCESSO DE ANÁLISE DE DESEMPENHO PROFISSIONAL Juliana Carneiro Rodrigues André Ribeiro da Silva  https://doi.org/10.22533/at.ed.46222240315	
CAPÍTULO 16	143
CONHECER A PAISAGEM ATRAVÉS DA BANDA DESENHADA Miguel Castro  https://doi.org/10.22533/at.ed.46222240316	
CAPÍTULO 17	159
VIAGENS: TURISMO CULTURAL COMO DISPOSITIVOS DE APRENDIZAGENS NO ENSINO DE HISTÓRIA Talita Fontes Miranda  https://doi.org/10.22533/at.ed.46222240317	
SOBRE O ORGANIZADOR	166
ÍNDICE REMISSIVO	167

CAPÍTULO 17

VIAGENS: TURISMO CULTURAL COMO DISPOSITIVOS DE APRENDIZAGENS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Data de aceite: 01/02/2022

Talita Fontes Miranda

<http://lattes.cnpq.br/6221466641847450>

RESUMO: O presente trabalho se propõe a analisar o Turismo cultural como dispositivo metodológico para ensino de História; a interface entre Turismo Cultural, Patrimônio Cultural, História Cultural e Ensino de História. Este estudo é fruto de uma observação participante no Colégio Gênesis, em paralelo a pesquisas em arquivo escolar, com o intuito de perceber o turismo cultural enquanto dispositivo metodológico para o ensino de história, analisando a atividade realizada pelo Colégio Gênesis, situado na cidade de Feira de Santana, com as turmas do nono ano do Ensino Fundamental II. Essa atividade acontece na região de Paulo Afonso para trabalhar conteúdos referentes à República Velha. O que nos leva a perceber que a utilização do Turismo cultural enquanto dispositivo metodológico reflete positivamente na formação dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: História Cultural. Turismo cultural. Ensino de história.

ABSTRACT: This work analyzes the Cultural Tourism as a methodological device of History Teaching; the interface between Cultural Tourism, Cultural Heritage, Cultural History and History Teaching. This Study is a result by a participant observation in the Gênesis School and by the scholar archive. With the intent of to realize the

cultural tourism as a methodological device of history teaching, analyzing one made activity by Gênesis School in Feira de Santana city with the classes of ninth year of the Basic Education II. This activity happens in the region of Paulo Afonso city to work the matter about Old Republic. What takes us to realize the utilization of the cultural Tourism as a methodological device of history teaching reflects positively in the formation of the students.

KEYWORDS: Cultural History. Cultural Tourism. Teaching History.

1 | INTRODUÇÃO

Quando o turista tem contato com um atrativo que é dado como “morto”, sem dinamicidade como monumentalização ele normalmente guarda aquele momento somente como uma coleção de fotos, como mais uma, pois, dificilmente terá aquele momento em suas lembranças pelo fato de não ter entrado em contato com a cultura daquele povo e não ter visto os significados que aquele local teve no passado e tem no presente dos municípios. (MOTA, 2011, p. 50-51).

O presente trabalho consiste em uma análise da prática do turismo cultural enquanto dispositivo metodológico para o ensino de história, sendo assim, este texto se insere nas discussões acerca das renovações teóricas e metodológicas para o ensino de história, já provocadas pelos historiadores da Nova História e pelas mudanças propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Esse estudo justifica-se diante da dificuldade de aproximação entre os cidadãos e o patrimônio histórico-cultural da humanidade. Enquanto bolsista PIBID pude observar que os estudantes, de um modo geral, se sentem pouco atraídos pelos patrimônios culturais, e que este tema tem sido pouco discutido nas escolas. Acredito que se torna nossa responsabilidade, como educadores, buscar instrumentos didáticos para modificar esta realidade. Afinal, as pessoas que hoje são os turistas, de quem Mota fala na epígrafe deste texto passaram por professores de História por todo Ensino Fundamental e Médio e se não conseguem reconhecer a importância dos monumentos históricos é porque houve falhas no processo de formação desses indivíduos. Nesse sentido, a questão que orienta este texto é: Qual a importância do turismo cultural no ensino de história como uma estratégia didática?

Nem sempre a viagem que visa à ampliação do conhecimento recebeu uma nomenclatura específica. Neste trabalho chamaremos a atividade de deslocar-se em busca de conhecimento, com mediação de um professor de história, de Turismo Cultural. Nesta perspectiva, o Turismo Cultural pode e deve se configurar enquanto atividade que visa à aprendizagem e a busca pelo conhecimento. Assim, discutiremos de que forma as escolas podem utilizar o Turismo Cultural enquanto um dispositivo metodológico para o ensino de história, buscando nos PCN e na LDB elementos que legitimam essa atividade, uma vez que são estes documentos, que em âmbito nacional, definem e legitimam as práticas educacionais.

1.1 Os PCN e a LDB, a história regional vista de perto

Ao analisarmos os PCN de história e a LDB notamos que ambos falam da importância das discussões sobre o regional e suas especificidades. É a partir dos debates sobre as especificidades regionais que pensamos na necessidade de ter um contato mais próximo dos aspectos regionais, indo *in loco*, para percebermos e discutirmos a história regional de modo mais contextualizado. O artigo 26º da LDB ao se referir aos currículos no Ensino fundamental nos informa:

Os currículos do ensino fundamental e médio devem, ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. (LDB, 1996).

Visando atender esta demanda apresentada no artigo 26º da LDB, nós professores de história, no que diz respeito ao ensino desta disciplina, podemos utilizar da história regional, enquanto ciência, para atender a necessidade de trabalhar a região e as suas especificidades. A base nacional de conteúdo comum a que se refere a LDB “unifica” os conteúdos que todos os estudantes, dentro do território nacional, terão acesso, que foi materializada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No entanto é nas especificidades do regional que encontramos brecha para pensarmos um currículo

diferente. Um currículo vivo, com a formação na história, em contato com o patrimônio, dialogando com as pessoas, as pessoas fazendo a sua história, intervindo no mundo e sendo afetadas pela história. Um currículo dialógico, relacional, uma escola que comporta a vida, que não está hermeticamente fechada, que sai de si e vai ao encontro do mundo com suas historicidades, dialéticas, contradições, poderes, belezas, dores, amores, artes, políticas. Mais que um currículo que estuda a história, um currículo que se deixa atravessar pela história.

Mas, para fazermos as discussões sobre o uso da história regional no ensino de história, faz-se necessário falarmos primeiro sobre o conceito de história regional. E para isso temos que ter a clareza de que neste trabalho não estamos nos referindo a região enquanto uma delimitação apenas de fronteira geográfica, mas também enquanto uma construção social e identitária. Desse modo, falar de história regional é também falar de como se construiu e uma determinada identidade coletiva. Albuquerque Júnior nos diz que:

A região, como diria Certeau, é um espaço praticado ou, como diz Fremont, é um espaço vivido. É uma territorialidade no sentido deleuziano, ou seja, nasce de investimentos de poder, de saber e de desejo. Poderes, saberes e desejos nas esferas do econômico, do social, do político, do religioso, do ético, do moral, do artístico, erótico, etc. A região como o correlato regionalismo, implica investimentos afetivos, emocionais, passionais, pulsionais, imaginários, utópicos em uma dada territorialidade, ou seja, exige o investimento em uma dada territorialização da existência; exige a circunscrição de uma espacialidade como sendo o suporte para a vida subjetiva de um dado sujeito individual ou coletivo. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 61).

É a partir da perspectiva de região apresentada por Albuquerque Júnior que pensamos o ensino da história regional e a construção das identidades enquanto processos coletivos. Ainda nos remetendo a produção de Albuquerque Júnior observamos que este primeiro nos apresenta a ideia de região, para com ela nos falar sobre a discussão e as abordagens feitas na produção da história regional, sempre numa perspectiva de que a história regional não é a história dos limites das fronteiras da região estabelecida na geografia e sim a construída a partir da identidade coletiva. Como o mesmo diz:

Por isso, considero que a melhor forma do historiador lidar com a noção de região, a maneira de trabalhar com o regional, é através do procedimento de desconstrução. Fazer história do regional, para mim, não é afirmar a região; é colocá-la em questão, é suspeitar de sua existência naturalizada. Fazer história do regional, para mim, implica em colocar no tempo os espaços ditos e vistos como regionais, implica em pensar arqueo-geneologicamente as relações de poder e as distintas camadas de saber que vieram a se cristalizar, que vieram a dar contorno e realidade a um dado recorte regional. Fazer história do regional significa pensar que práticas discursivas e não-discursivas fizeram emergir em uma dada configuração histórica uma dada identidade regional. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 63).

Nesta perspectiva, compreendendo a história regional enquanto um campo da historiografia que se preocupa com a desconstrução de alguns estereótipos e a construção

de conceitos da identidade coletiva, é que podemos pensar no ensino de uma história regional que efetivamente estimule os estudantes a não serem meros receptores de informações, mas que se tornem produtores de conhecimento ao se apropriarem dos conhecimentos históricos. Por isso:

O professor de história tem a importante tarefa de pôr em questão os muros das identidades regionais, que nos dividem, nos separam, nos hierarquizam, alimentando preconceitos por origem geográfica e de lugar, alimentando estereótipos regionalistas, que geram discriminação e ódio, desprezo e falta de solidariedade, que autorizam e legitimam a exploração e a violência sobre dados sujeitos regionais. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 67).

A partir do momento em que os estudantes, bem com o professor, se percebem sujeitos regionais, e ambos questionam o que vem sendo estabelecido e muitas vezes naturalizado, o professor pode despertar no estudante o senso crítico, o que é de fundamental importância para o desenvolvimento de atividades de pesquisa, de protagonismo e sentimento de pertença. Vejamos alguns objetivos do Ensino fundamental nos PCN de história:

conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal o sentimento de pertinência ao país. (PCN, 1988, p. 7).

[..]

[..] conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais. (PCN, 1988, p. 7).

Entendendo que estes objetivos se complementam, pois não é possível falar em patrimônio sem falar em identidade, nesses objetivos os PCN (1988). nos falam sobre o processo de construção de identidade. Mas é possível reconhecer como características de sua identidade algo que você só viu nos livros? É possível avançar para uma leitura crítica da realidade conhecendo-a fora do contexto, apenas pelo olhar de outros, através de práticas discursivas?

Alguns estudos como o de Mota (2011). discutem que a maior parte das pessoas consegue reconhecer os patrimônios materiais, no entanto têm muita dificuldade de se identificar e compreender a importância dos mesmos para a comunidade na qual está inserida, por terem construído apenas uma relação superficial com a história e a memória que estes espaços e manifestações culturais trazem consigo.

Outro objetivo dos PCN (1988). que corrobora com estes dois objetivos é: “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos”. Nos três objetivos apresentados anteriormente podemos observar que, apesar de não fazerem menção direta às atividades extra sala de aula, os três objetivos

também coadunam com a relevância da realização de uma viagem com o caráter de turismo cultural. Isto, considerando, como já foi dito neste texto, que turismo cultural é uma atividade que visa a preservação e divulgação dos patrimônios socioculturais na qual os indivíduos envolvidos devem ter uma preocupação em utilizar a experiência vivenciada nesta atividade como estudo planejado e sistemático. Deste modo é possível observar que o ensino da história regional pode ser feito por meio do turismo cultural, tendo em vista que os seus objetivos dialogam e que se trata de uma atividade que estimula a autonomia intelectual do estudante.

1.2 Caminhos abertos pelo Turismo Cultural: O estudante da Educação básica enquanto produtores de conhecimento

Compreendendo a escola enquanto um espaço de produção de conhecimento, podemos pensar no Turismo Cultural enquanto uma possibilidade de formação dos estudantes. Sabemos que a escola contemporânea tem suas atividades norteadas pelos PCN, pelas Leis de Diretrizes e Bases (LDB). e BNCC (em âmbito nacional), e o Plano Político Pedagógico (PPP). da escola, que adequa o currículo à realidade local. Quando propomos a utilização do Turismo Cultural enquanto uma alternativa metodológica, dialogamos com as proposições feitas por estes parâmetros. Visto que ao longo da LDB é possível observarmos que em diversos momentos é feita menção a pesquisa e a atividade extraescolar, assim como nos PCN, que ao se reportar ao ensino e a aprendizagem, nos apresenta que:

No sentido de contribuir para que os alunos compreendam a realidade atual em perspectiva histórica, é significativo o desenvolvimento de atividades nas quais possam questionar o presente, identificar questões internas às organizações sociais e as suas relações em diferentes esferas da vida em sociedade, identificar relações entre presente e passado discernindo semelhanças e diferenças, permanências e transformações no tempo. (PCN, 1998, p. 53 e 54).

Assim podemos observar que o Turismo cultural pode ser uma alternativa para o processo de ensino e aprendizagem, visto que é necessário mostrar ao estudante as rupturas ao longo do tempo em um mesmo espaço, e em contextos culturais diferentes do que o indivíduo está envolvido. Sob esta ótica o turismo cultural aparece enquanto alternativa metodológica para o ensino de história. Pois, a partir do momento em que tiramos o indivíduo da sua zona de residência, o tiramos também da sua zona de conforto. Tendo em vista que em uma cidade com uma cultura diferente da sua, torna-se propício ao indivíduo compreender e observar mais atentamente a cultura desse outro espaço. Ele tende a ter assim uma observação mais atenta das transformações ocorridas naquele espaço ao longo do tempo.

1.3 Turismo cultural enquanto dispositivo metodológico para o ensino de História

Levando em consideração o processo de ensino e aprendizagem, é notório que a ludicidade das atividades colaboram com a aprendizagem, de modo que podemos falar do turismo cultural enquanto um dispositivo metodológico que colabora com o processo de aprendizagem. Compreendendo o processo de ensino e aprendizagem a partir da perspectiva da pedagogia progressista:

Aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, de uma situação real vivida pelo educando, e só tem sentido se resulta de uma aproximação crítica dessa realidade concreta. Dessa forma, o que é aprendido não decorre de uma imposição ou memorização, mas sim, do nível crítico de conhecimento, ao qual se chega pelo processo de compreensão, reflexão e crítica. (FERREIRA; FROTA, 2002).

Na perspectiva de Ferreira e Frota (2002), o ensino não se configura enquanto mecanismos utilizados para a transmissão de conhecimentos, e o processo de aprendizagem não se dá na forma de como estes conhecimentos são recepcionados, absorvidos, mas, sim no que é feito com ele. Ainda na perspectiva da Pedagogia Progressista, tomo a tendência Crítico-Social dos Conteúdos que segundo Ferreira e Frota (2002):

[...] acentua a primazia dos conteúdos no seu confronto com as realidades sociais, sua tarefa principal é a difusão de conteúdos. Não conteúdos abstratos, mas conteúdos vivos, concretos e, portanto, indissociáveis das realidades sociais. Entretanto, não basta que os conteúdos sejam apenas ensinados, ainda que bem ensinados, é preciso que se ligue, de forma indissociável, a sua significação humana e social. Com o objetivo de privilegiar a aquisição do saber, e de um saber vinculado às realidades sociais.

Tendo em vista que o viajar mexe com o imaginário e sonhos do ser humano, e é frequentemente associada ao lazer, é de fundamental importância que ao realizar este tipo de atividade o professor se cerque de alguns cuidados para que os objetivos da atividade sejam alcançados.

Podemos observar esta relação com princípios metodológicos reconhecidos, se observarmos a noção de aprendizagem defendida por esta pedagogia e a organização procedimental realizada por Spínola (coordenador da atividade no Colégio). em minhas observações de campo. Vejamos, para Libâneo, “aprender, dentro da visão da pedagogia dos conteúdos, é desenvolver a capacidade de processar informações e lidar com os estímulos do ambiente, organizando os dados disponíveis da experiência.” (FERREIRA; FROTA, 2002). Então vamos a uma descrição do campo em que me inseri.

No que diz respeito ao planejamento podemos elencar alguns aspectos que são considerados indispensáveis pelo coordenador da atividade para o seu bom andamento. O primeiro deles é fazer um levantamento prévio de todos os conteúdos que podem ser abordados nos locais que irão ser visitados, e eleger o tema ou conteúdo principal que

motivará a viagem. E paralelo à escolha do conteúdo a escolha do destino da viagem. Em seguida é importante que se observe quais temáticas podem ser abordadas nos mais variados espaços que podem ser exploradas no local visitado. Por exemplo, observar se no percurso que se fará até o destino tem linhas de trem, assentamentos ou acampamentos do Movimento Sem Terra-MST. Pois, ao se atentar a estes detalhes o professor tem condições de ainda em sala de aula retomar as discussões sobre a *Belle Époque* e sobre as lutas pela reforma agrária, podendo assim aproveitar o momento de deslocamento para fazer do ônibus sala de aula e da paisagem suas fontes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo realizado para este trabalho concluímos que a viagem é uma atividade propícia à aprendizagem e pode ser direcionada para a busca pelo conhecimento quando utilizada enquanto dispositivo metodológico. Sendo o turismo cultural uma ação que tem por objetivo a divulgação e preservação patrimonial, as discussões acerca da história regional podem ser abordadas de forma prática. Tal experiência possibilita um ensino de história no qual o as relações com os monumentos históricos acontece de maneira estreita, crítica e dinâmica, fomentando a autonomia intelectual dos estudantes envolvidos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. O Objeto em Fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras** (Campo Grande), v. 10/17, p. 55-67, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História**. (3º e 4º ciclos do ensino fundamental). Brasília: MEC, 1998.

_____. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

FERREIRA, Lúcia helena Bezerra, FROTA, Paulo Rômulo de Oliveira. Ensino e Aprendizagem: conceito dos licenciandos da UFPI. II Encontro de Pesquisa da UFPI. In: **II Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI**. , 2002, Teresina, 2002. v. 1.

MOTA, Rosiane Dias. História e cultura como atrativo turístico. **Revista de Estudos Turísticos**. Portal Etur. Edição nº 27. Março de 2007 ISSN 1809-6468. Disponível em <http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?IDConteudo=11733> Acesso em 10 de janeiro de 2011.

SOBRE O ORGANIZADOR

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA - Professor do curso de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais – Campus Ubá. Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica (PPGED), da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Bacharel em Ciências Humanas, pelo Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora (BACH/ICH - UFJF).; licenciado em Artes Visuais, pelo Centro Universitário UNINTER e em Pedagogia, pela Universidade de Franca (UNIFRAN). Tecnólogo em Design de Moda, pela Faculdade Estácio de Sá - Juiz de Fora/MG. Ainda, realizou cursos de especialização nas seguintes áreas: Moda, Cultura de Moda e Arte, pelo Instituto de Artes e Design da Faculdade Federal de Juiz de Fora (IAD/UFJF).; Televisão, Cinema e Mídias Digitais, pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACOM/UFJF).; Ensino de Artes Visuais, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACED/UFJF).; e, Docência na Educação Profissional e Tecnológica, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais - Campus Rio Pomba (IF Rio Pomba). Tem interesse nas áreas: Moda e Design; Arte e Educação; Relações de Gênero e Sexualidade; Mídia e Estudos Culturais; Corpo, Juventude e Envelhecimento, dentre outras possibilidades de pesquisa num viés da interdisciplinaridade.

ÍNDICE REMISSIVO

SÍMBOLOS

1º Ciclo 144, 145, 151, 154

A

Amor 4, 23, 43, 112, 113, 114, 115

Análise de desempenho profissional 5, 132

Andróides 4, 93, 94, 97

Antropologia 31, 32, 111

Áreas rurais 14

B

Banda desenhada 5, 143, 144, 145, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158

Brasil 3, 4, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 12, 13, 19, 20, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 40, 68, 73, 77, 79, 91, 116, 119, 120, 122, 124, 128, 129, 130, 131, 142, 162, 165

Bucólica X 4, 112, 113, 114

C

Ciências humanas 1, 2, 155, 166

Conflito armado 47, 52, 60

Conhecimentos tradicionais 116, 119, 120, 121, 123, 124

Covid-19 4, 12, 75, 76, 77, 78, 80, 82, 83, 84

Cultura 4, 14, 15, 23, 24, 45, 71, 88, 89, 90, 95, 97, 99, 104, 105, 110, 118, 120, 124, 138, 150, 159, 160, 163, 165, 166

D

Diversidade 3, 120, 121, 123, 125, 128, 144, 155

E

Écloga 112, 113

Educação 2, 3, 4, 1, 2, 3, 4, 5, 8, 10, 12, 13, 20, 26, 27, 28, 29, 55, 56, 57, 59, 63, 66, 71, 74, 104, 116, 117, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 143, 144, 145, 148, 149, 154, 156, 157, 158, 163, 165, 166

Educação ambiental 4, 116, 117, 121, 122, 123, 124, 125

Educação financeira 4, 126, 128, 129, 130, 131

Educação matemática 126, 129, 131

Elegia 112, 113

Encarceramento 37, 40, 63, 69, 72, 73, 74

Ensino de história 5, 159, 160, 161, 163, 165

Epicuro 112, 113, 114

Era Viking 98, 99, 100, 101, 105, 110, 111

Escandinávia 98, 99, 104, 105, 107, 109

F

Falo 41, 42, 43, 45, 46

Família 8, 11, 22, 23, 25, 48, 54, 103, 106, 108, 153

G

Geografia 75, 143, 144, 145, 147, 148, 150, 151, 155, 157, 161

Globalização 5, 75, 132, 133

H

Hanseníase 3, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40

História 3, 5, 5, 19, 20, 21, 26, 29, 36, 98, 100, 104, 108, 111, 131, 133, 144, 150, 153, 154, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165

História cultural 98, 100, 159

I

Inclusão 3, 8, 14, 20, 25, 26, 28, 29, 48, 56

Internação Compulsória 3, 30, 31, 33, 36, 39, 40

J

Juventude 2, 3, 1, 2, 3, 4, 5, 12, 13, 72, 73, 106, 166

L

Lógica 27, 32, 39, 41, 42, 44, 93, 96, 110

M

Meio local 143, 145, 153, 154

Mito 3, 4, 41, 98, 99, 101, 104, 105, 109, 110

Mitologia nórdica 98, 99, 100, 101, 103, 109, 110

Modelagem matemática 4, 126, 127, 128, 129, 130, 131

Mulheres 3, 7, 20, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 72, 79, 83, 99, 100, 104, 106, 107, 111

N

Negociações de paz 47

P

Paisagem 5, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 165

Pandemia 6, 12, 75, 76, 78, 82, 83, 154, 156

Participação política 3, 47, 49, 56, 57, 58

Período de transição 47, 49, 52, 55, 60

Pessoa com deficiência 3, 19, 21, 22, 24, 26, 27, 28, 29

Pós-guerra 22, 47

Povos indígenas 4, 116, 117, 119, 120, 123, 124, 125

Programa de aprendizagem 1, 2, 8, 12

R

Ragnarök 4, 98, 99, 101, 105, 108, 111

Redes sociais 14

Representações femininas 4, 98

S

Saúde 2, 4, 35, 37, 38, 54, 55, 59, 70, 75, 76, 82, 114

Segurança 33, 48, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74

Seletividade 3, 63, 66, 68, 72, 73

Sociedade 2, 8, 10, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 48, 51, 53, 55, 56, 57, 63, 64, 65, 69, 73, 98, 99, 101, 104, 105, 108, 109, 110, 119, 120, 122, 124, 127, 128, 139, 140, 143, 147, 160, 163

Sufrimento social 30, 38

Sustentabilidade 116, 117, 119, 123

T

Tolerância zero 3, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 74

Trabalho 3, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 19, 25, 28, 30, 31, 32, 48, 54, 61, 63, 65, 66, 73, 80, 81, 98, 100, 101, 106, 110, 132, 134, 136, 137, 141, 142, 151, 156, 159, 160, 161, 165

Turismo cultural 5, 159, 160, 163, 164, 165

V

Violência 48, 50, 51, 55, 56, 58, 64, 65, 66, 67, 70, 71, 73, 162

Virgílio 4, 112, 113, 114, 115

W

Web 2.0 3, 14, 15, 16, 17, 18

CIÊNCIAS HUMANAS: DIÁLOGO E POLÍTICA DE COLABORAÇÃO

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉️ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

CIÊNCIAS HUMANAS: DIÁLOGO E POLÍTICA DE COLABORAÇÃO

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉️ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022